

Oração de não-sapiência

Senhor Presidente do Conselho Geral da Nova,
Magnífico Reitor,
Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores,
Senhores Diretores das Unidades Orgânicas da UNL,
Senhor Provedor do Estudante,
Senhoras Administradoras da NOVA e dos SASNOVA,
Caros Diretores de Escolas,

Caros Estudantes de mérito, suas famílias e convidados,
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Começo por um ato de contrição.

Ditam a praxe e os bons costumes académicos que as cerimónias de considerável solenidade, como aquela que hoje aqui nos reúne, sejam apresentadas por o que se apelida, desde os tempos medievais, como "oração de sapiência". Esta é, por norma, proferida por uma voz especialmente autorizada ou largamente experiente. Por razões que a minha razão desconhece, quebrando tão vetusta tradição, e perante um exigente e qualificado auditório, hoje fui eu o incumbido de vos falar. Ora, de mim, nem experiência, nem sapiência... As minhas antecipadas desculpas.

Deste lado está apenas alguém que até há bem pouco foi um de vós; que ainda se sente um de vós. E por isso, permitam-me usar (e abusar) da impertinência que se tolera aos jovens, para tornear o protocolo e solucionar o mistério da minha escolha, trazendo-vos, quase em jeito revolucionário, uma "oração de não-sapiência". Dizendo de outro modo, quiçá menos violento para os ouvidos do Senhor Reitor, que tão gentilmente me convidou para aqui estar, sugiro trocar a tradicional alocução de sapiência por aquilo a que chamo de "oração de irreverência". Por falta de engenho e arte, em vez de uma lição trago-vos uma provocação.

O dia quer-se de festa. Esta é a hora de celebrar o mérito dos novos alunos da Nova. Pois bem, eu destoarei.

Não vos falarei de qualquer segredo para o sucesso. Chegados aqui, nenhum de vós precisa da receita. Sabem-no melhor do que eu. O "Como" é, para vós, pergunta fácil.

Dedicamos todo o tempo a vaticinar os métodos, as horas, os truques para alcançar e manter o sucesso do estudo. Pois a pergunta que vos quero deixar hoje é aquela que damos facilmente por respondida:

Porquê? Porque querem e se esforçam vocês em ser "um bom aluno"? Afinal, porque é que celebramos hoje? E os vossos pais, professores, amigos, aqueles que vos acompanham nesse sucesso (alguns deles também aqui presentes): Porque anseiam e trabalham - e se sacrificam tanto - em nome desse mesmo o objetivo?

Caros estudantes,

O meu desafio é o de vos desafiar. Reflectindo, vou tentar sabotar o tom unânime deste tributo, começando por ser portador de más notícias, para depois me tornar incitador de más condutas.

Senhor Reitor, o mal está feito. Avançarei então.

Falo-vos, em primeiro, de uma fatalidade já de vós, decerto, conhecida: estar na vossa posição, ser um aluno de mérito, envergar a camisola da excelência e do sucesso, custa! É difícil, penoso, extenuante. Estou em crer que o experienciaram no vosso longo percurso até esta Universidade. E aqui chegados, suados, cansados, fiquem sabendo que tais dificuldades permanecem e exponenciam-se em tudo o que há-de vir.

Nas crónicas da vida árdua de um bom estudante, não contabilizo somente (ou sequer essencialmente) as horas de estudo ou os momentos de especial ansiedade. Não. Ser um bom aluno é difícil porque este feito coabita com uma mão cheia de intrincados dilemas.

Um estudante com sucesso vive confrontado com o dilema do futuro. Podendo decidir, trilhará um futuro ancorado na vocação ou na remuneração? O bom aluno tem também de viver com o dilema da constância. Se foi bom ontem, todos esperarão que o seja hoje, e ainda melhor amanhã. A isto soma-se o dilema do exemplo. Sobre ele, mil holofotes. Dele tudo se espera, que tudo faça, sem falhas, desculpas ou hesitações. Sem vacilar nunca. E ainda o dilema do tempo e do equilíbrio. Se é verdadeiramente bom, há que investir na jovem promessa até e rumo à exaustão, fazendo estágios, e cursos, e

línguas e tudo quanto a imaginação conceba e as horas permitam, alimentando sem medida a já sôfrega agenda semanal.

Valerá a pena?

Questiono o que por hábito temos por inquestionável. E senão reparem: as vantagens do sucesso académico não são, a longo prazo, sequer lineares.

Uma nota, uma média, tem não mais que o valor de uma manchete de jornal: é atrativa, impressiona, causa impacto, mas ninguém a lê na manhã seguinte.

Mais grave que isso.

Vivemos num tempo de currículos "pronto-a-vestir" e fáceis de maquilhar. O prestígio, esse, é um bem perecível e facilmente transacionável. Um tempo onde o poderoso jargão do "networking", nas suas mais diversas (e, por vezes, obscuras) nuances, é o único supremo mandamento.

E esta realidade, parece-me, agudiza-se entre nós, neste canto da europa. Cultivamos um país de elites pouco pensantes e uma sociedade de aflitiva falta de exigência - designadamente académica - em relação aos seus representantes. Em contraste com países vizinhos (tome-se a Inglaterra como exemplo, em que uma sólida formação numa universidade prestigiada é requisito de facto para o exercício das mais altas funções políticas), por cá o mérito parece comprar-se e vender-se em tempo de saldos, por equivalências, a "preço de amigo".

Com temor reverencial e num deslumbramento quase paroquial, que porventura herdámos da nossa História, na pequena empresa, no grande banco e no poderoso partido, reina a lei de que a aparência de sucesso se sobrepõe tantas vezes à sua efectiva existência.

Por isso, insisto: porquê? Porquê estudar e porquê estudar tanto?

Deixem-me tentar responder. Ensaio três principais razões.

Primeiro, porque desta forma se vos é dado, como recompensa oculta, a maior das dádivas: o poder da escolha. É certo que a decisão atormenta. É, outra vez, um dilema. Mas um bom dilema. Sempre muito mais difícil do que uma decisão, é a sina de, resignadamente, só ter uma opção. Uma boa formação torna-vos senhores do vosso

próprio destino, ou pelo menos, passa-vos parte das suas rédeas para as mãos. Escolher é ter vontade e capacidade de escrever a própria história.

Segundo, porque, para além do reconhecimento exterior, há algo que muda internamente. Ser "bom aluno", mesmo quando para nada conta, constrói em vós uma cultura de constante superação. Aristóteles disse um dia (não sei se numa cerimónia parecida com esta, falando aos seus discípulos de mérito...) que somos o que fazemos consistentemente. Assim, a excelência não é um ato, mas um hábito. Dia após dia, teste após teste, vocês habituaram-se e habituam-se a ser excelentes. Raros são os casos de mestria inata. O sucesso é um treino, baseado em dois importantes músculos: o da exigência e o da resiliência. De tal modo que, um dia, mesmo que tentem, não conseguirão fazer os mínimos, trabalhar apenas para "passar". Quando se é auto-exigente, até se pode falhar, ser ultrapassado. Desistir, todavia, é verbo absolutamente omissivo no dicionário.

E, finalmente, porque dominar o conhecimento é um exercício libertador, é uma conquista de autonomia. O saber e o bem-fazer dão voz. Dá-vos força e corpo. Ensina-vos a nascer e crescer por dentro. De súbito, e sobretudo ao nível universitário, vocês são mais do que um aluno. Passam a contar. A ser palavra. E ser palavra, é ser futuro. É voltar a ser. É estar presente.

Como vêm, diria que a resposta ao "porquê" não é portanto uma certeza, é antes um desafio. Não é ponto, são reticências. E só elas já valem a pena...

Dadas as más notícias, eis que vos incito a uma má conduta: Convido-vos a não ser mais um bom aluno e a recusar ser tratado como bom aluno. Por outras palavras, sejam maus quanto baste para fugir aos defeitos e vícios dos bons alunos, ou daquilo que constitui seu estereótipo. Estudar muito e ter mérito não é um fim em si mesmo, não pode ser o objectivo. Se o for, é um presente envenenado que vos amarra ao saber puro, químico, e que vos faz esquecer o que, de facto, já são: homens e mulheres da cidade.

Por isso, rebelem-se! Desafio-vos a uma espécie de insubordinação. Combatam os perigos a que um bom aluno está sujeito. E quais são eles? Desde logo, o perigo da

alienação. O bom aluno corre o risco de ficar de ficar só e de ficar cego. Creio que este mal moderno nos chega de duas formas.

A mais óbvia, quando o mérito ou uma determinada situação de privilégio conduz a uma alienação insensível, que nos leva a esquecer o real, a agir como ilhas, a ignorar o que se passa para lá das nossas pequenas e agitadas rotinas de "faz-de-conta". Quem padece deste mal passa os dias em empregos "oásis", bairros "oásis", clubes "oásis". Vive nos arredores do real mas não lhe toca, não lhe sente o pulso. Não sabe ao certo que país é o seu, não lhe conhece as cicatrizes. O seu mundo e o mundo dos outros podem até cruzar-se nos caminhos diários. Mas não se falam, não se escutam, não se compreendem. São corpos estrangeiros de uma mesma cidade.

E depois, há um outro tipo de alienação, mais subtil, a que vários bons alunos estão sujeitos. É uma alienação generosa, voluntariosa, intelectual e tecnicista. Acontece quando, na ânsia de trabalhar o real e anestesiados nas certezas do seu intelecto, constroem um mundo artificial, que só nasce e floresce no cativo de um confinado gabinete. E, de súbito, a criatura monopoliza a visão do criador. Rouba-lhe a humildade. Torna-o incapaz de tolerar a pluralidade. O resultado vemos-lo em macro, na ação das instituições do coletivo, sejam elas universidades, sindicatos ou órgãos governativos (nas quais incluo aquela de que agora faço parte). A boa vontade está lá. Mas a relação com o concreto pode, por vezes, ser intermitente.

Meus caros estudantes,

A realidade é caprichosa. Escapa-se-nos por entre os dedos e desafia as leituras que dela fazemos e os dogmas que tantas vezes lhe impomos. Há-que ter a humildade para a aceitar como ela é e a agilidade paciente para a moldar. Para isso, ser bom aluno não basta. Não precisamos de detentores absolutos de um único saber, mas manuseadores criativos de um universo de saberes.

E ainda há um outro perigo. O de que o vosso perfeccionismo e auto-exigência vos paralisem. Na sua obra "A voz subterrânea", Dostoesky fala-nos em dois tipos de homem: o "homem inteligente" e o "homem de ação". E diz ele que uma consciência demasiado lúcida é uma doença, porque pensa e repensa, e hesita em agir. Bastaria,

portanto, metade da consciência de um ser inteligente. Que a vossa inteligência não vos armadilhe. Que sejam homens que pensam agindo e que agem pensando.

Faço, por isso, campanha por um saber diferente. Um saber empenhado. Sensível à comunidade. Comprometido com ela. Um saber de mãos limpas tem pouco valor e diminuto interesse. Proponho-vos uma espécie de alquimia social: a de transformar o saber em serviço. Citando Mia Couto, mais do que uma geração tecnicamente capaz, precisamos de uma geração capaz de questionar a técnica.

Queremos bons alunos sim. Mas que estejam dispostos a fazer parte de uma universidade que é mais do que um prolongamento do ensino escolástico. Queremos uma universidade que é uma comunidade de espíritos ativos, que se empenham, que se interessam, que vão em busca de uma multiplicidade de experiências, sejam elas em associações de estudantes, projectos de investigação, intercâmbios, ações de voluntariado.

Sejam um grito contra a apatia. Sejam inconformados. Mesmo quando custa. Sobretudo quando custa. Tentem escapar, como define Tolstoy, "ao monótono horizonte da vulgaridade".

Se têm acesso à melhor arte, ciência e pensamento que se produz acerca do mundo, não terão desculpas se não as usarem para o mudar.

E que o vosso conhecimento faça de vós militantes da ética do cuidado. Do cuidado pelas vossas causas, pelas vossas paixões e interesses, pelas vossas comunidades, pelos vossos diversos pequenos mundos.

Num país de presente titubeante, pleno de receitas estranhamente inevitáveis, de decisões falsamente irrevogáveis, o vosso sucesso é a nossa esperança. Vocês têm o poder de nos reinventar e nós a obrigação de acreditar nisso.

Caros estudantes, caros colegas,

Minhas senhoras e meus senhores,

Têm hoje o mérito diplomado nas vossas mãos. Que ele faça parte, mas seja apenas parte (e ferramenta) do vosso caminho.

Que a irreverência que vos sugiro não reluza aos vossos olhos em tons de cinismo. Não vos convido a abdicar do mérito. Nem tão-pouco a olvidá-lo ou a

descontinuá-lo. Não vos peço, como outros, que não percebam nada de finanças (bendita Nova SBE...) ou que não possuam (e usufruam) de bibliotecas.

Apenas que funcionalizem o vosso mérito em prol de um valor ainda maior: o da grandeza, da excelência; do equilíbrio e da completude enquanto cidadãos pensantes e ativos - e, por isso, vivos- do Portugal do futuro. Só esse mérito vos fará, como diria o poeta, "por cousas valerosas", se ir "da lei da morte libertando".

Eis então a minha derradeira provocação. Sejam bons maus alunos. Sejam maus bons alunos. Sonhem alto. Sejam sempre inteligentes e irreverentes. Sejam homens e mulheres de corpo inteiro. Trabalhem a sério mas não se levem muito a sério. Exijam o máximo de vós próprios e não deixam que vos exijam nada mais do que isso. Ambicionem ser muitos. Sejam vós em abundância. E roubem tempo para sê-lo, efetivamente. Porque o verdadeiro tempo das vossas vidas será aquele que se esconde por entre as horas que passam a planeá-la.

Em suma, deixem-me reescrever o também provocador Ary dos Santos, perdoando-se-me a força e crueza da linguagem. Agora como no futuro, sejam tudo o que quiserem... Cidadãos castrados, não!

Sejam tudo isto. E com, tudo isto, sorrindo, façam o favor de ser felizes.

Muito Obrigado.

Pedro Espírito Santo.

Lisboa, 9 de Abril de 2015.